

MULHER, MÃE, DONA DE CASA E ESPOSA: DIFICULDADES E SUPERAÇÕES PARA INGRESSAR E PERMANECER NA UNIVERSIDADE PÚBLICA

*Samara Gomes Aguiar*¹

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

*Valquiria Normanha Paes*²

Universidade do Estado da Bahia

*Sônia Maria Alves de Oliveira Reis*³

Universidade do Estado da Bahia

Resumo: A conquista do direito à educação igualitária obtida pelas mulheres aconteceu mediante um longo caminho de lutas e resistências. Foram inúmeras as batalhas travadas pelo público feminino até conseguirem acesso ao ensino, depois a um ensino de qualidade e que acontecesse sem as limitações impostas pelo machismo e patriarcado. Em vista disso este trabalho propõe reflexões sobre o acesso de mulheres ao Ensino Superior e sobre sua condição no meio universitário, considerando os múltiplos papéis que elas vêm desempenhando na atualidade. Acerca dos procedimentos metodológicos os dados alcançados são o resultado da utilização e análise de um questionário semiestruturado aplicado com 116 alunas dos quatro cursos oferecidos pelo *campus* XII da Universidade do Estado da Bahia. Ele foi utilizado com o intuito de conhecer a visão de mulheres estudantes que estão inclusas nas condições de mães, esposas, donas de casa e trabalhadoras. Valeu-se também da revisão bibliográfica para identificar o que vem sendo discutido em relação ao acesso e a permanência da mulher contemporânea na Educação Superior. O que ficou mais explícito é que os avanços e progressos femininos alcançados até o momento não foram fáceis, mas, graças a muitas lutas iniciadas no passado conseguiram evoluções significativas para a vida de grande parte delas. Diante desse cenário de vitórias, pode-se afirmar que mesmo com as constantes tentativas de invisibilização as mulheres estão cada dia mais distantes da subjugação que outrora lhe foi imposta e decididas a investir em sua carreira profissional, conferindo a ela uma importância nunca antes oferecida.

Palavras-Chave: Mulheres. Permanência. Universidade.

¹ Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB / DEDC - *Campus* XII, mestranda na linha de pesquisa Currículo, Práticas Educativas e Diferenças do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGED/UESB). Membro do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (NEPE/CNPQ). Bolsista FAPESB. E-mail: samaraaguiarcte@hotmail.com.

² Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação - *Campus* XII - Guanambi/BA. Membro do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (NEPE/CNPQ). E-mail: valquirianpaes@hotmail.com.

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente é professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia onde atua na graduação e nos cursos de especialização *lato sensu*. É professora externa do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UESB), coordenadora de área do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), líder do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (NEPE/CNPQ), coordenadora do Doutorado Interinstitucional. Dinter - UNEB/UFMG. E-mail: sonia_uneb@hotmail.com.

1 Iniciando as discussões

A trajetória da conquista de direitos femininos ligados à educação é um assunto que ainda permeia inúmeras questões contemporâneas, como a desigualdade na qualidade de atuação ofertada às mulheres nos espaços acadêmicos, a interrupção ou descontinuidade dos estudos femininos e em muitos lugares até mesmo o impedimento de acesso ao ensino. Considerando estas questões e retrocedendo um pouco ao passado veremos que se hoje a escolarização da mulher é possível, até o século XIX não era. A elas era negada a possibilidade de aprender de modo formal, dentro das escolas, tal qual vemos hoje, e quando a permissão aconteceu o ensino era restrito àquelas pertencentes às classes mais abastadas, porém, ainda tratava-se de uma educação moldada pelos ideais do patriarcado, que visava “educar”, para não dizer adestrar, mulheres para as aptidões maternas e do lar, já que as fêmeas só precisavam ser competentes nos serviços domésticos, maternos e matrimoniais. A Matemática, a Arte, a História e mesmo a Alfabetização não eram vistas como necessárias à sua formação.

No atual contexto em que a universidade foi configurada, naquilo que se refere ao recebimento de mulheres nas condições de mães, esposas, donas de casa e trabalhadoras, é imprescindível pensar sobre os desafios que essas novas mulheres vêm enfrentando para ingressar, permanecer e atuar no espaço acadêmico, considerando os muitos encargos que vêm assumindo. Funções que elas mesmas escolheram e muitas outras que estão sendo condicionadas a se responsabilizar, mesmo que estejam além de suas capacidades.

Este texto analisa, a partir das especificidades da condição feminina, como ocorre o ingresso, a permanência e a participação das mulheres no Departamento de Educação, *campus* XII da Universidade do Estado da Bahia. Nesse contexto busca identificar o que vem sendo pesquisado em relação ao acesso, permanência e atuação da “mulher, mãe, dona de casa, esposa e trabalhadora” na universidade. Apresenta ainda as renúncias feitas por elas, contrapondo-as aos benefícios que atribuem à universidade para assim conhecer as principais motivações para sua inserção no Ensino Superior.

Diante das análises foi possível perceber que são muitos os dilemas encontrados, não conciliação da maternidade com os estudos, falta de tempo para dedicar-se às atividades acadêmicas, visto que as obrigações domésticas ainda são visivelmente marcadas pela divisão por gênero, pesando mais para o feminino, e ainda a frustração por não sentir que têm obtido êxito em nenhuma área de suas vidas, já que não conseguem empenhar-se plenamente em

nenhuma delas. Isso nos possibilita inferir que a vida acadêmica das mulheres não tem sido fácil, assim como o percurso histórico de luta pela aquisição de seus direitos também não foi.

2 Caminho metodológico

A pesquisa foi realizada na Universidade do Estado da Bahia, no *campus* XII, localizado na cidade de Guanambi/BA. A Universidade oferece os cursos de Pedagogia, Educação Física, Enfermagem e Administração. O curso de Pedagogia funciona em dois turnos, manhã e noite, Educação Física e Enfermagem funcionam no período diurno e Administração somente no horário noturno. As colaboradoras da pesquisa foram mulheres estudantes com faixa etária de 17 aos 54 anos que se encaixam em todas ou em alguma das condições estabelecidas: “mães, esposas donas de casa ou trabalhadoras”.

No total foram entregues às alunas 135 questionários e desses 116 foram devolvidos. Das discentes que fizeram a devolutiva da pesquisa 15 cursam Administração, 14 Enfermagem, 17 Educação Física e 69 Pedagogia, apenas 1 não especificou o curso. Dentre essas, 95 são mães e 21 não são, ou seja, a pesquisa foi realizada majoritariamente com mulheres mães, e que além dessa condição ainda são donas de casa, esposas e também trabalham fora.

Por essa pesquisa propor-se a interpretar as dificuldades e subjetividades da vida acadêmica de mulheres estudantes que são “mães, esposas, donas de casa e trabalhadoras” na Universidade do Estado da Bahia, *campus* XII, decidimos realizar uma pesquisa de campo, pois ela permite um contato mais próximo do/a pesquisador/a com os/as sujeitos/as e com o local de análise. Ela é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada, exige do/a pesquisador/a um encontro mais direto, no qual precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações que deverão ser documentadas (GONÇALVES, 2001). O mérito da investigação de campo existe porque esse tipo de análise fornece subsídios para o/a pesquisador/a compreender em profundidade seus/uas sujeitos/as e o contexto em que estão inseridos/as.

Utilizamos ainda um questionário semiestruturado que permitiu coletar informações mais pessoais em relação à visão das graduandas sobre o modo como sua trajetória acadêmica tem acontecido, já que estão inseridas em condições específicas que as diferenciam das demais alunas. Para identificá-las optamos por usar os nomes de personagens da mitologia grega, já que notamos que o percurso acadêmico de cada uma delas tem sido marcado por

inúmeros desafios, resistências e superações, assim como o das referenciadas mulheres mitológicas.

Uma das técnicas de pesquisa utilizada foi a revisão bibliográfica, que pode ser descrita da seguinte maneira, conforme Gil (1991, p. 48), “desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

O uso do método qualitativo auxiliou na compreensão em amplitude do contexto do problema analisado. Trata-se de um método indutivo que busca entender por que o/a indivíduo/a age da forma que age, pensa da forma que pensa ou sente da forma que sente, em suma, os motivos que o/a levam à uma ação.

A apuração dos dados qualitativos coletados durante a investigação foi direcionada com base na análise de conteúdo, já que ela é o processo pelo qual se dá ordem, estrutura e significado às informações que são alcançadas no decorrer da pesquisa, consistindo ainda na transformação dessas informações em conclusões e dados úteis para a investigação.

Bardin (2011) diz que a “análise do conteúdo é um método empírico, um conjunto de instrumentos em constante refinamento, que se aplica a discursos diversificados e que se refere, principalmente, à descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo, sem, por isso, deixar de ser uma análise de significados”. Ou seja, é o momento em que são atribuídas significações às múltiplas realidades apresentadas, relacionando as informações obtidas através dos/as colaboradores/as com os estudos teóricos que subsidiam a pesquisa, tencionando conduzi-la para uma reflexão, estabelecendo analogias ao criar os questionamentos e assim, chegar a uma conclusão para a questão norteadora proposta no estudo.

3 Estudos e pesquisas sobre o acesso e a permanência da mulher, mãe, dona de casa, trabalhadora e esposa no Ensino Superior

Para compreender como aconteceu e como está a atual situação de mulheres acadêmicas realizamos um levantamento bibliográfico que contém os dados de pesquisas realizadas na área. Os *sites* selecionadas para essa verificação foram: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED); Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); Biblioteca Virtual do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT); Google Acadêmico; anais dos encontros Fazendo Gênero e Biblioteca do *campus* XII - Guanambi/BA.

Para esta consulta utilizamos o descritor: “mulher, mãe, dona de casa e esposa no Ensino Superior”, com o recorte temporal de 2007 a 2017. No Banco de Teses e Dissertações da CAPES, por exemplo, foram localizados apenas 2 trabalhos que tratavam especificamente sobre a temática em estudo.

Quadro 1 - Produções do Banco de Teses e Dissertações da CAPES

Autor/a (as/es)	Título	Instituição	Ano
SANTOS, Carlinda Moreira dos	<i>A mulher Negra no Ensino Superior: trajetórias e desafios</i>	Universidade do Estado da Bahia – UNEB	2012
BARBOSA, Priscilla Bezerra	<i>O Filho é da Mãe?</i>	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ	2017

Fonte: Elaborado pelas autoras com dados da pesquisa

O trabalho intitulado *A mulher negra no Ensino Superior: trajetórias e desafios* (SANTOS, 2012) trata-se de uma produção que buscou compreender o que representou a política de cotas raciais para as mulheres negras que conseguiram ingressar em cursos de maior prestígio social na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Este trabalho foi selecionado por se referir às dificuldades que essas pessoas, devido às condições específicas do ser mulher e do ser negra enfrentaram para adentrar em cursos com predominância masculina e, por consequência, com uma configuração que desestimula e dificulta a inserção e permanência feminina.

Já o segundo, chamado *O filho é da mãe?* (BARBOSA, 2017) traz um questionamento sobre a transferência de toda a responsabilidade de criação dos filhos à mãe, sobrecarregando-a, deste modo, com todas as obrigações (ma) e paternais, e fazendo com que desempenhe funções que estão além de suas capacidades, visto que, atualmente assumem múltiplas tarefas além da maternidade.

Na pesquisa feita nos anais das reuniões nacionais da ANPED, entre os anos de 2007 (30ª Reunião) a 2017 (38ª Reunião), não houve nenhum trabalho referente ao tema: “*inserção e permanência de mulheres nas condições de mães, donas de casa e esposas no Ensino Superior*”⁴. Foram efetuadas buscas nas modalidades de comunicação oral e pôsteres em

⁴ As buscas foram realizadas no GT 2 (História da Educação), no GT 3 (Movimentos Sociais e Educação), no GT 4 (Didática), no GT 5 (Estado e Política Educacional), no GT 6 (Educação Popular), no GT 8 (Formação de Professores), no GT 9 (Trabalho e Educação), no GT10 (Alfabetização, Leitura e Escrita), no GT 11 (Política da Educação Superior), no GT 12 (Currículo), no GT 13 (Educação Fundamental), no GT 13 (Sociologia da Educação), no GT 15 (Educação Especial), no GT16 (Educação e Comunicação), no GT 17 Filosofia e Educação), no GT 18 (Educação de Pessoas Jovens e Adultas), no GT 19 (Educação Matemática), no GT 20 (Psicologia da Educação), no GT 21 (Afro-brasileiros e Educação), no GE 22 (Grupo de Estudos em Educação Ambiental), no GE 23 (Grupo de Estudos Gênero, Sexualidade e Educação) e no GT 24 (Educação e Arte).

todos os GTs, usando os descritores: “mulher, mãe, dona de casa e esposa no Ensino Superior”, mas nada foi encontrado.

Essa catalogação nos permitiu perceber que no período de 2007 a 2017 existe uma lacuna nas produções acadêmicas apresentadas e discutidas nas Reuniões Nacionais da ANPED que se referem aos estudos sobre o tema em questão. Isso revela como esse assunto ainda é tratado de forma marginal no meio acadêmico, uma vez que o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) destaca que o acesso das mulheres ao Ensino Superior é uma das principais conquistas femininas no último século e ainda mostra que elas compõem uma substancial maioria nesse segmento educacional, pois representam 57,2% dos/as estudantes matriculados/as em cursos de graduação (INEP, 2016).

Após as consultas realizadas no Google Acadêmico, foram elencadas 15.800 produções de artigos e revistas a partir do descritor: “mulher, mãe, dona de casa e esposa no Ensino Superior”, todavia é necessário ressaltar que esse site não realiza uma filtragem eficaz quanto aos descritores, por isso os resultados iniciais apresentam-se em quantidades exorbitantes. Para selecionar as produções que estavam relacionadas à temática, primeiramente lemos o título de cada uma delas e quando víamos que se tratava de algo semelhante ao assunto buscado partíamos para a leitura do resumo, caso o trabalho realmente se encaixasse no critério de busca, era selecionado para a leitura e análise completa e assim foram encontrados 4 trabalhos relacionados ao tema, publicados entre os anos de 2008 a 2013.

Quadro 2 - Publicações no Google Acadêmico

Autor/a (as/es)	Título	Publicação	Ano
OLIVEIRA, Mônica; TEMUDO, Eva	<i>Mulheres Estudantes Trabalhadoras na Universidade do Porto: uma licenciatura 'fora de tempo' ou 'sem tempo'?</i>	SciELO	2008
AMARAL, Débora Monteiro do; MONTRONE, Aida Victoria Garcia	<i>Mulher, mãe, trabalhadora, militante e estudante</i>	IV Simpósio sobre Reforma Agrária e Assentamentos Rurais	2010
ÁVILA, Rebeca Contrera; PORTES, Écio Antônio	<i>A Tríplice Jornada de Mulheres Pobres na Universidade Pública: trabalho doméstico, trabalho remunerado e estudos</i>	Revista: Journal in JSTOR	2012
SILVA, Fabiane Ferreira da; RIBEIRO, Paula Regina Costa	<i>Conciliando identidades: mulher, mãe, esposa, cientista...</i>	Anais do Seminário Internacional: Fazendo Gênero 10	2013

Fonte: Elaborado pelas autoras com dados da pesquisa

Os 4 escritos discorrem sobre as estratégias que as mulheres usam para conciliar as muitas tarefas que agregam e os impactos disso em suas vidas pessoais, profissionais, em sua saúde física e emocional. Os/as autores/as exaltam ainda a importância de se pesquisar sobre

essa multiplicidade de tarefas que a mulher se submete atualmente, pois algo que foi comum em todas as produções refere-se ao desgaste que o público feminino relata sofrer diante do acúmulo de tantas tarefas.

Os trabalhos encontrados representam uma quantidade ínfima de produções, fato possivelmente justificado pela ideia ainda enraizada na sociedade de que é normal para as mulheres assumir uma dupla ou tripla jornada de trabalho, persistindo o pensamento de que o trato com a casa e com os/as filhos/as é um encargo exclusivamente feminino, e isso se reflete na forma como as mulheres são tratadas nos mais diversos espaços, provocando assim fenômenos como descontinuidade em seu plano de carreira, atraso em seu ingresso educacional superior e muitas vezes até a desistência dos estudos.

Realizamos ainda um levantamento no *site* Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), utilizando os descritores: “mulher, mãe, dona de casa e esposa no Ensino Superior”. Foram encontrados apenas 2 trabalhos relacionados ao objeto de estudo, no entanto, a partir das leituras realizadas dos títulos e resumos das pesquisas, concluímos que nenhum deles discutia a problemática de interesse. Diante dessa constância da falta de trabalhos na área, percebe-se a relevância desta pesquisa, uma vez que mesmo diante de um elevado percentual de mulheres e mães universitárias elas ainda têm sido tratadas sob a luz da coadjuvância, não recebendo a devida atenção que merecem e por isso tendo suas condições não consideradas como fator determinante para seu bom desempenho estudantil.

Outro *site* selecionado para a busca foi o Fazendo Gênero. Em seus anais foram utilizados os descritores: “mulher, mãe, dona de casa e esposa no Ensino Superior” e recorte temporal de 2007 a 2017. Obteve-se o total de 4 produções relacionadas à temática em estudo.

Quadro 3 - Produções científicas dos seminários Fazendo Gênero

Autor/a (as/es)	Título	Seminário	Modalidade	Ano
OLIVEIRA, Daniela de Santana; OLIVEIRA, Débora da Silva; LOBO, Liv Costa; SILVA, Raquel Oliveira	<i>O Empoderamento de Mulheres através das Gerações na Bahia: as interconexões entre oportunidades educacionais, inserção no mercado de trabalho e participação política</i>	8º	Pôster/Anais	2008
PIGATTO, Liz Helena	<i>A emancipação feminina</i>	8º	Pôster/Anais	2008
SILVA, Tânia Maria Gomes da	<i>Mulheres, maternidade e identidade de gênero</i>	10º	Comunicação oral/Anais	2013
ARTES, Amélia Cristina Abreu	<i>A presença de mulheres no Ensino Superior brasileiro: uma maioria sem prestígio</i>	11º	Comunicação oral/Anais	2017

Fonte: Elaborado pelas autoras com dados da pesquisa

A sistematização feita neste quadro serve para reforçar a constatação acerca da lacuna existente naquilo que se refere à produtividade de trabalhos sobre a problemática em questão, já que o número de produções encontradas na área foi extremamente reduzido, até mesmo nesse *site*, que trata justamente das questões de gênero e suas implicações na sociedade atual.

A pesquisa *A emancipação feminina* (PIGATTO, 2008) discute acerca da evolução das mulheres ao longo dos anos, em uma perspectiva histórica. De acordo com a investigação, as principais conquistas da mulher foram sua inserção no mercado de trabalho, o direito ao voto e à educação, além da participação na vida política. Todavia, uma questão que ainda preocupa a autora é que essas vitórias femininas, ainda hoje, não são vividas em sua plenitude, pois é notória a desvalorização do trabalho da mulher em algumas profissões, pois ainda existem aquelas que ocupam os mesmos cargos que os homens, mas ainda recebem um salário menor, não por serem menos qualificadas, mas apenas por serem mulheres.

No trabalho *O empoderamento de mulheres através das gerações na Bahia: as interconexões entre oportunidades educacionais, inserção no mercado de trabalho e participação política*, (OLIVEIRA, *et.al*, 2008) é discutido sobre a independência feminina, no qual procura-se identificar as lutas e os processos que conduziram ao empoderamento da mulher na Bahia através de várias gerações, frente à isso os/as autores/as concluem que o empoderamento, na forma como tem se apresentado atualmente, ainda caminha a passos lentos e incertos devido às inúmeras forças contraditórias que tentam impedi-lo de avançar, porém, reforçam que é preciso, mediante a difusão do conhecimento, estimular a sociedade a sempre evoluir através das pessoas empoderadas, que conhecem seus direitos e seu poder de mudança social.

A investigação intitulada *A presença de mulheres no Ensino Superior brasileiro: uma maioria sem prestígio* (ARTES, 2017) problematiza a predominância das mulheres na Educação Superior, fazendo um questionamento sobre os cursos frequentados pela maioria delas. De acordo com essa autora, há uma maior concentração de mulheres nas “formações de menor prestígio”, ou seja, cursos ligados ao cuidado e à educação, que são duas perspectivas consideradas inerentes ao mulheril. A escritora enfatiza que a percepção de ocupação dos espaços acadêmicos por sexos e a questão das hierarquias entre cursos é importante para pensar criticamente sobre o fato de apesar das mulheres serem maioria nas universidades brasileiras, a questão da equidade na distribuição dos espaços universitários considerados “mais relevantes” ainda apresenta-se como um grande desafio.

O trabalho intitulado *Mulheres, maternidade e identidade de gênero* (SILVA, 2013), pondera acerca das experiências do ser mãe entre mulheres das camadas populares. A maternidade sempre foi vista como um desejo intrínseco à mulher, mas após as reflexões que questionavam o que a sociedade tomava para si como natural e obrigatório a cada pessoa, ela deixa de ser prioridade para algumas delas, pois começaram a se apropriar da perspectiva que defendia a desobrigação sobre diversas questões biológicas, comportamentais e sociais, incluindo por consequência a maternidade. Deste modo, novas experiências fizeram com que o ser mãe deixasse de ser a única alternativa de uma “vida digna” para as mulheres. Contudo, essa escritora sinaliza que aquelas que optaram pela não maternidade ou pelo adiamento dela eram/são penalizadas socialmente e vistas como equivocadas por primaziarem outros aspectos de suas vidas que não o “destino biológico” feminino.

Após efetuar um levantamento nos *sites* da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Google Acadêmico e Fazendo Gênero, partimos para uma busca em âmbito local. A biblioteca da UNEB - *campus XII* foi o espaço escolhido para a realização do levantamento de produções acadêmicas sobre a temática: “*inserção e permanência de mulheres, mães, donas de casa e esposas no Ensino Superior*”, no qual foi encontrado apenas 1 trabalho que se aproximava do assunto em discussão.

Face ao exposto, a tabela 1 representa uma sistematização de todo o conteúdo encontrado que estava relacionado ao tema desta investigação. Foi um total de 11 produções ponderando todos os *sites* investigados e ainda a biblioteca física da UNEB. Pode-se perceber que se trata de um número baixíssimo de produções, considerando a quantidade de mulheres mães, donas de casa, esposas, trabalhadoras e estudantes que cursam o Ensino Superior.

Tabela 1 - Produções científicas relevantes sobre mulheres, mães, donas de casa e esposas no Ensino Superior

Produções e eventos	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
CAPES	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
IBICT	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Fazendo Gênero	-	2	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Google Acadêmico	-	1	-	1	-	1	1	-	-	-	-
ANPED	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TCC's UNEB <i>campus XII</i>	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-
Total de produções encontradas	11										

Fonte: Elaborado pelas autoras com dados da pesquisa

A organização dos resultados obtidos só veio para confirmar que, apesar dos avanços nas discussões sobre o feminismo, mulheres e gênero, e as implicações de todos esses diálogos na sociedade e nas relações sociais, ainda são poucas as pesquisas científicas na área, conforme mostra a tabela sistemática acima.

4 Renúncias e benefícios: uma balança desequilibrada

Desde que a educação se consolidou como um campo que poderia oportunizar a melhoria das condições de vida, o ensino dos homens era conduzido de modo a lhes capacitar para conseguir bons empregos e cargos, ao passo que o das meninas sempre foi marcado pela restrição, até mesmo inexistência em alguns períodos. Isso acontecia porque a visão de mulher adequada era, ainda é, aquela que ficava em casa, cuidando dos/as filhos/as e das obrigações domésticas, no caso do Brasil, por tradição e costume, a mulher era responsável pelos deveres de casa e também pelo apoio moral à família, desta maneira a educação feminina centrava-se na preparação do seu destino como esposa e mãe (SAMARA, 2006).

Quando perguntadas sobre as renúncias que fazem para estar na universidade as respostas das estudantes foram surpreendentes, a maioria delas citou que o medo mais recorrente era o de não conseguir harmonizar as atividades acadêmicas com as tarefas domiciliares e a maternidade. Isso fica nítido na fala de uma aluna que diz:

São muitas as tarefas domésticas. É terrível. Porque pelo fato de ser mulher, histórica, social e culturalmente essas tarefas nos foram impostas e infelizmente ainda hoje é assim. As vezes tenho que escolher entre ler uma apostila e lavar roupas. E serviço doméstico é interminável. Todos os dias e o tempo todo têm coisas para fazer. E quando se é uma mulher casada, a cobrança aumenta, não só por parte do marido, mas pelas próprias mulheres da família como: mãe, irmãs, tias. Então as atividades domésticas são uma grande dificuldade porque o tempo que poderia estar me dedicando aos estudos estou cuidando dos afazeres do lar. (ZEMINA, 17/04/2018).

Essa estudante explana bem a frustração de muitas mulheres universitárias quando se veem obrigadas a escolher entre realizar o trabalho de casa ou as obrigações da academia. As vezes tenho que escolher entre ler uma apostila e lavar roupas, essa afirmação sinaliza duas coisas muito importantes. A primeira delas é que a partilha do trabalho doméstico ainda acontece baseando-se no gênero, sendo a mulher o substantivo mais prejudicado por essa cisão desigual e injusta, pois é sobre ela que as maiores responsabilidades têm sido

depositadas. O segundo ponto refere-se à insatisfação que essa situação causa nas mulheres, uma vez que ela também diz que *serviço doméstico é interminável*, sendo ele então inacabável não basta escolhê-lo uma única vez, as renúncias são feitas cotidianamente, e assim acabam priorizando os serviços domésticos em detrimento dos estudos, fato que acarreta inúmeras consequências para seu desempenho e atuação acadêmica.

Também destaca o processo de construção desse pensamento, quando menciona que *porque pelo fato de ser mulher, histórica, social e culturalmente essas tarefas nos foram impostas e infelizmente ainda hoje é assim*, isto é, além de se sentirem sobrecarregadas ainda sofrem com a culpa por não conseguirem conciliar tantos ofícios, citam que é como se estivessem a todo o momento divididas e esperando a oportunidade de sair de uma tarefa para cumprir a próxima, em um ciclo infinito de descontentamento consigo mesmas, como bem explica uma estudante quando relata que:

[...] você vai procurar seu jeito de estar conciliando tudo, tem um jeito para tudo, eu de início eu tinha essa preocupação de como seria, na gestação já tinha a preocupação o que eu iria fazer da minha vida com toda minha rotina de ser mãe do segundo bebê, com a rotina de dona de casa, e eu ainda tento trabalhar, fazer uma renda extra, e enquanto universitária eu pensava que isso não iria fazer sentido nenhum, que alguma coisa iria ficar mal feita, [...] mas eu tento estar administrando. O que dá certo para eu fazer hoje? Quais são as atividades que eu tenho? Vou tentando conciliar, mesmo que eu não tenha 100% de sucesso eu vou fazendo isso, tentando administrar o tempo. (MINERVA, 25/10/2018).

A fala dessa discente dialoga com as ideias de Borsa e Feil (2008, p. 08) quando citam que “para a mulher contemporânea, trabalhar e ser uma profissional bem-sucedida é somar responsabilidades, mais do que isto, é frequentemente, suportar certas medidas de conflitos e culpa”.

Outro ponto destacado pelas alunas é referente à falta de tempo para o lazer, devido às muitas atividades que têm que dar conta. As que são mães consideram lazer o ato de ficar com os/as filhos/as, pois, devido à culpa que sentem por estarem distantes enquanto estudam ou trabalham, convertem todo seu tempo livre em oportunidade de estar com as crianças.

A quantidade de funções que as mulheres estão sendo condicionadas a assumir atualmente é tão exagerado, que muitas delas sentem-se culpadas quando descansam ou se divertem, todavia, é de extrema importância considerar a questão do lazer das mulheres universitárias, pois é necessário que haja equilíbrio entre o trabalho e a vida pessoal, buscando preservar a saúde física e mental, possibilitando que elas desfrutem de momentos prazerosos e

de ócio, sempre atendo-se ao fato de que a saúde é um direito fundamental, e para ela existir os momentos de lazer são indispensáveis (REUSCH; SCHWINN, 2015).

As demais dizem que sentem falta de passar mais tempo com a família ou amigos/as e algumas citam até sobre seu círculo religioso, no qual tiveram que diminuir a participação para se dedicar aos estudos. Uma aluna diz que gostaria de ter mais tempo:

[...] para me dedicar à minha família, para momentos de lazer, o cansaço da jornada de estudos, do ser mãe, dona de casa, esposa e sentir que não estou me saindo bem nessas situações, a sensação de que não estou alcançando o êxito que gostaria nem na universidade, nem em casa. (LINFA, 20/04/2018).

Além de agregar um trabalho remunerado fora de casa, o ofício estudantil, a maternidade e as atividades domésticas também ficam quase que exclusivamente sob a responsabilidade feminina, e assim a mulher acaba se subordinando a diversos sacrifícios para suprir às diversas expectativas que não deveriam recair somente sobre elas.

O que fica explícito é que as transformações que ocorreram na organização social, no trabalho e na família, provocaram mudanças nas formas de vida, fazendo com que a necessidade de conciliação do trabalho, das atividades domésticas e da maternidade se tornasse um dos maiores impasses atuais para o mulheril. Essa modificação gerou conflitos reais e difíceis de serem contornados, uma vez que, de um lado existe a imprescindibilidade de profissionalização feminina, já que é aumentativo o número de mulheres únicas provedoras do lar e de outro a indispensabilidade de dedicação aos/as filhos/as, pois também é crescente a quantidade de mães solo.

5 Ambições e perspectivas: motivos que levam à ação

Partindo do pressuposto de que a sociedade vê a Educação Superior como uma alternativa de profissionalização de maior *status* social (SPARTA; GOMES, 2005), antes de buscarem ingressar nessa modalidade educacional muitas pessoas são incentivadas por alguém que já passou por esse espaço ou até mesmo por aqueles/as que nunca tiveram a oportunidade, mas que enxergam importância e valor nele. Frente a isso defende-se que o incentivo pode ser determinante para o sucesso naquilo que se almeja alcançar.

Uma aluna diz que *as minhas motivações são realização profissional e pessoal também, pois sou a primeira da família de 11 irmãos a estar na universidade pública, [...]*

além da motivação profissional para no futuro dar uma melhor condição de vida para a minha filha (TÁLASSA, 26/10/2018). Considerando esta fala e diante da análise dos dados coletados, foi observado que praticamente todas as participantes, mesmo tendo aspirações próprias em relação ao Ensino Superior, possuem motivações que são oriundas de outras pessoas.

A maioria cita que receberam estímulo principalmente das mães, familiares, filhos/as, amigos/as, irmãos/ãs, esposos/as e até mesmo professores/as do Ensino Médio. As que narram ter recebido incentivo de seus familiares deixam claro que esse apoio vem carregado de desejos e sonhos que essas pessoas não conseguiram realizar, mas que ainda desejam ver concretizados por meio das filhas. Dizem que o auxílio ofertado pelas mães foi o mais significativo, já que a participação delas na vida dessas discentes é fundamental para sua permanência na academia.

Essa discussão é contemplada na fala de duas estudantes, que narram que sempre que o pensamento de abandono surgia procuravam se lembrar de que não estavam naquele espaço somente por elas, que ali se tratava de um momento de formação para que mais adiante pudessem oferecer às pessoas que amam um futuro melhor, com mais oportunidades:

[...] não penso nem tanto em mim, mas é por conta dos meus filhos, porque para mim isso aqui é só uma bagagem para eu poder trabalhar, é só para eu especializar né, para eu poder ter uma profissão e poder trabalhar e dar algo melhor para os meus filhos. (HÉSTIA, 26/10/2018).

[...] sei que tenho a minha necessidade, mas quando eu penso nos meus filhos, penso que posso ser uma mãe melhor, principalmente no curso de Pedagogia, então isso faz com que eu não perca de vista a intenção de estar me formando até pelo bem deles, estar me instruído para que eles me tenham, de certa forma, como exemplo, porque uma mãe que estuda é inspiração. A criança que vê os seus pais fazendo alguma atividade diariamente, eles já vão estar acostumados a ver essa tal atividade, então o que eu faço é por mim e por eles, e é benéfico para a família toda. (MINERVA, 25/10/2018).

Desta maneira, percebe-se que seus fomentos atuais são bastante diversificados, vão do anseio pelo conhecimento até ao desejo de ser inspiração para os/as filhos/as e oferecer uma vida mais confortável para aqueles/as que dependem delas. Tiveram ainda aquelas que receberam apoio das irmãs que já são graduadas e reconhecem a qualidade do ensino ofertado pelo *campus* XII, destacando a importância da formação humana e profissional que a UNEB possibilita. As que informaram receber apoio dos/as docentes da Educação Básica sinalizam a

influência que o ingresso na Educação Superior tem durante o Ensino Médio, uma vez que os/as professores/as se empenham para oferecer condições favoráveis para que seus/suas alunos/as consigam adentrar nos cursos de graduação e tornarem-se profissionais mais capacitados e bem-sucedidos.

Do público pesquisado, apenas 4 mulheres relataram que não tiveram e nem têm apoio de familiares para permanecerem estudando, no entanto, contam que são motivadas o tempo todo por colegas, que se inspiram na luta de outras mulheres que ajudaram na conquista da emancipação feminina, valendo-se disso e de ambições próprias para não desistir.

6 Considerações finais

O tema proposto neste trabalho visou compreender como acontece atualmente a inserção e, principalmente, a permanência e atuação de mulheres que são: “*mães, esposas, donas de casa ou trabalhadoras*” na universidade. O fato que ficou mais evidente neste estudo é que por mais que as mulheres sejam uma maioria considerável no meio acadêmico ainda convivem, e são afetadas, com diversas consequências de um passado que as limitou em vários âmbitos.

No tocante ao levantamento feito sobre o que vem sendo pesquisado em relação à presença e participação das mulheres na universidade os resultados foram surpreendentes. Mesmo com tantas discussões sobre feminismo, as questões de gênero e suas implicações na sociedade contemporânea, ainda são poucas as pesquisas científicas sobre a temática dessa investigação. Pode-se afirmar que isso acontece pelo fato de as dificuldades encontradas pelas mulheres em seu cotidiano, principalmente nos espaços acadêmicos, estarem sendo naturalizadas, invisibilizando assim os impasses e prejudicando ainda mais o coletivo feminino, pois os caminhos de superação só são forjados quando os dilemas são expostos.

Outro ponto que merece destaque aqui é referente à motivação das participantes em procurarem o Ensino Superior. A grande maioria afirmou que o fez visando ampliar suas competências para elevarem seu nível de conhecimento e tornarem-se profissionais mais capacitadas para adentrar no mercado de trabalho aptas a competir em pé de igualdade com qualquer outro/a profissional. Uma reincidência percebida nas falas das estudantes pesquisadas remeteu-se a questão de elas afirmarem que seu maior fomento para ingressar na universidade foi o desejo de poder oferecer uma vida mais confortável para seus familiares e

principalmente proporcionarem, no futuro, uma educação de qualidade para seus/suas filhos/as.

Foi perceptível ainda que o ingresso das participantes na universidade foi motivo de muita alegria, mas veio acompanhado de várias preocupações, devido às obrigações que essas mulheres já tinham antes da aprovação, pois mesmo com as lutas travadas pelos movimentos feministas que visavam a inclusão das mulheres nos assuntos da sociedade, infelizmente ainda no século XXI questões como a divisão desigual do trabalho doméstico e do trato com os/as filhos/as ainda tendem a pesar mais sobre os ombros femininos, já que se tratam de obrigações impostas, histórica e socialmente às mulheres, e que somente nos últimos anos começam a ser questionadas.

Para concluir, ainda que temporariamente, a partir de todas as questões aqui levantadas, o que defendemos é a melhoria das percepções em relação às mulheres. Deve-se conceber que não estão inclusas no estereótipo de “supermulher” porque querem, mas porque são condicionadas e muitas vezes obrigadas a isso. De “super” elas só possuem a vontade de vencer, mesmo diante de todas as dificuldades, mesmo tendo suas necessidades naturalizadas e, por isso, invisibilizadas. É impossível, portanto, que continuemos a usufruir da universidade sem ponderar sobre as demandas dos coletivos que a mantém de pé, já que os espaços só têm relevância na medida em que contemplam as pessoas que estão neles. Diante de tudo o que foi analisado pudemos perceber que mesmo tendo alcançado muitas conquistas o público feminino ainda encontra inúmeros dilemas no momento de estudar, não se tratando, porém de impasses relacionados somente à vida acadêmica, não são dificuldades convencionais que qualquer pessoa que decidisse cursar a universidade encontraria, remetendo-se a adversidades que se deparam somente por serem mulher e carregarem consigo o peso que esse substantivo implica.

Referências

AMARAL, Débora Monteiro do; MONTRONE, Aida Victoria Garcia. **Mulher, mãe, trabalhadora, militante e estudante.** In: IV SIMPÓSIO SOBRE REFORMA AGRÁRIA E ASSENTAMENTOS RURAIS. Araraquara/SP, 2010. Disponível em: <https://www.uniara.com.br/legado/nupedor/nupedor_2010/00%20textos/sessao_8/08-03.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2018.

ARTES, Amélia Cristina Abreu. **A presença de mulheres no ensino superior brasileiro: uma maioria sem prestígio.** In: 11º SEMINÁRIO FAZENDO GÊNERO – TRANSFORMAÇÕES, CONEXÕES, DESLOCAMENTOS. Florianópolis/SC. 2017. Disponível em:

<http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1496748817_ARQUIVO_fazendo_genero_final.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2018.

ÁVILA, Rebeca Contrera; PORTES, Écio Antônio. A tríplice jornada de mulheres pobres na universidade pública: trabalho doméstico, trabalho remunerado e estudos. **Revista Estudos Feministas.** ISSN 1806-9584, Florianópolis/SC. 2012. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38124755011>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

BARBOSA, Priscilla Bezerra. **O filho é da mãe?** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2011.

BORSA, Juliane Callegaro; FEIL, Cristiane Friedrich. **O papel da mulher no contexto familiar:** uma breve reflexão. O portal dos psicólogos. Porto Alegre/RS, 2008. Disponível em: <<http://www.googleacademico.com.br/>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3 ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica.** Campinas: Alínea, 2001.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Mulheres são maioria na Educação Superior brasileira.** Brasília/DF: MEC, 2016. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/mulheres-sao-maioria-na-educacao-superior-brasileira/21206>. Acesso em: 13 fev. 2019.

PIGATTO, Liz Helena. **A emancipação feminina.** In: 8º SEMINÁRIO FAZENDO GÊNERO – CORPO, VIOLÊNCIA E PODER. Florianópolis/SC, 2008. Disponível em: <<http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/posters.html>>. Acesso em: 01 mar. 2019.

REUSCH, Patrícia Thomas; SCHWINN, Simone Andrea. Novas tecnologias e trabalho: O Trabalho Feminino e o Direito à desconexão. **Seminário Internacional de Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea,** 2015.

SAMARA, Eni de Mesquita. Feminismo, Justiça Social e Cidadania na América Latina. In: MELO, Hildete Pereira de; PISCITELLI, Adriana; MALUF, Sônia Weidner; PUGA, Vera Lucia (Orgs.). **Olhares Feministas**. Ministério da Educação: UNESCO. Coleção Educação para Todos. v. 10. p. 510. Brasília/DF, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=639-vol10feministas-pdf&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 10 nov. 2018.

SANTOS, Carlinda Moreira dos. **A mulher negra no ensino superior: trajetórias e desafios**. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade). Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. Universidade do Estado da Bahia, Salvador/BA, 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeaba/article/view/2286>>. Acesso em: 07 mar. 2019.

SILVA, Fabiane Ferreira da; COSTA, Ribeiro Paula Regina. Trajetórias de mulheres na ciência: “ser cientista” e “ser mulher”. **Ciência & Educação**. Bauru/SP, 2013. vol. 20. n. 2. p. 449-466. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v20n2/1516-7313-ciedu-20-02-0449.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2018.

SILVA, Tânia Maria Gomes da. **Mulheres, maternidade e identidade de gênero**. In: 10º SEMINÁRIO FAZENDO GÊNERO – DESAFIOS ATUAIS DOS FEMINISMOS. Florianópolis/SC, 2013. Disponível em: <http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1371640271_ARQUIVO_Mulheres,maternidadeeidentidadedegenero.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2018.

SPARTA, Mônica; GOMES, William. Importância atribuída ao ingresso na Educação Superior por Alunos do Ensino Médio. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. vol. 6, n. 2. p. 45-53, 2005. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/museupsi/lafec/16.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

OLIVEIRA, Daniela de Santana; OLIVEIRA, Débora da Silva; LOBO, Liv Costa; SILVA, Raquel Oliveira. **O Empoderamento de Mulheres através das Gerações na Bahia**: as interconexões entre oportunidades educacionais, inserção no mercado de trabalho e participação política. IN: 8º SEMINÁRIO FAZENDO GÊNERO – CORPO, VIOLÊNCIA E PODER. Florianópolis/SC. 2008. Disponível em: <<http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/posters.html>>. Acesso em: 14 fev. 2019.

OLIVEIRA, Mônica; TEMUDO, Eva. Mulheres estudantes trabalhadoras na Universidade do Porto: uma licenciatura «fora de tempo» ou «sem tempo»? **Ex aequo**. Vila Franca de Xira, 2008. n.18. p.147-173. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602008000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 jan. 2019.